

...se tornam lugar comum a afirmati-
va, um tanto apocalíptica, segundo a qual o
domínio do alfabeto estaria se aproximando
do seu fim e uma época pós-alfabética, para
não dizer analfabética, estaria se preparando
nos bastidores para assumir o governo da
nossa cultura. Por certo: o Império do ABC
está ameaçado por invasão barbárica provin-
da do além do limes, por imagens televisiona-
das, por cartazes e por histórias em quadri-
nho, mas está igualmente ameaçado por irrup-
ção vertical da barbárie, por espécie de anti-
fabetismo dos letrados. Em vão são mobiliza-
das as legiões defensoras das letras, das quais
a Mobral e a Academia de Letras não passam
de dois entre numerosos exemplos: as hordas
vandálicas dos fotógrafos, e as catacumbas
paleocristãs dos PR estão corroendo, inexora-
velmente, os fundamentos imperiais das bi-
bliotecas. Em tal situação catastrófica se põe a
pergunta: qual é o futuro das letras? Serão elas
comidas pelos leões, ou por traças, serão elas
relegadas a ilhas monásticas do tipo caligrafia
e bibliofilia, ou serão elas simplesmente varri-
das da superfície pela vassoura da história e
dos meios de comunicação de massa?

Os interessados no futuro das letras podem
tranquilizar-se: futuramente as letras serão
belas, embora não necessariamente no signifi-
cado do termo "belles-lettres". Há sintomas
que permitem ver, desde já, qual será a
aparência das letras na época pós-alfabética
que se aproxima. Uma entre tais janelas que
dão sobre o futuro bidimensional, das superfí-
cies vitoriosas, as quais derrotaram a linha do
texto escrito, é a obra de Niobe Xandó, e este
artigo se propõe debruçar-se de tal janela, a
fim de captar um dos aspectos da famigerada
pós-linearidade, seja ela ou não marcusiana.

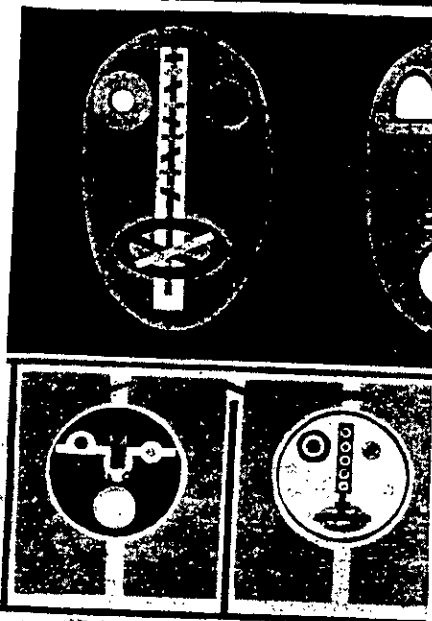
A despeito de numerosas conjeturas jamais
sabermos exatamente como "surgiram" as
letras. Não sabemos jamais se de fato o "A"
é descendente tardio de representação pictóri-
ca de touro, em hebraico Aleph, o "B" de
representação da casa, em hebraico Beth, e
o "C" de representação de camelo, em hebrai-
co Gamal, embora os chifres do "A", os tetos
redondos do "B" e a corcunda do "C" conti-
nuem sorrindo arcaicamente para nós, quan-
do passamos a olhar textos do ponto de vista
pós-alfabético, ponto de vista no qual Niobe
Xandó se coloca ao fazer suas digamos assim
"telas". Em compensação sabemos exatamente
qual o destino dos "Cs" e dos "Os" dos
"Ts" e dos "Ps", uma vez arrancados por
Niobe da servidão semântica e da fila indiana:
serão superfícies coloridas, e passarão a ser
elementos de outras superfícies que represen-
tarão "objetos". Mas nem por isto deixarão
de ser "Cs" e "Ps", porque a carga semântica
superada continuará a aderir tais superfícies
como espécie de perfume, ou espécie de sauda-
de dos bons tempos legíveis, e jamais
perdidos. Para captarmos tal metamorfose de
letras da linha histórica para a superfície
pós-histórica, do conceito "C" para a imagem
"C", proponho rápida leitura do quadro re-
produzido nesta página em branco e preto: no
original é verde, vermelho, amarelo e branco,
e as cores têm o caráter de código: berram.

O quadro é legível qual texto: em linhas
que começam no canto superior esquerdo e
acabam no canto inferior direito. Mas isto não
o torna texto, porque sua estrutura desmente
a linearidade fingida. Há uma faixa amarela
superior coberta de ex-letras verdes, e a saf-
adez de Niobe é tanta que iniciamos a leitura
relativamente bem, alunos obedientes que so-
mos: soletramos "caule". Mas o caule é
curioso: tem bolinhas em torno do "cau", e
quanto ao "le", ele está muito mais na "Ges-
talt" alfabética que temos da palavra "caule"
que no quadro. Saltada a barreira do "le", a
qual é seguida de quatro barras que podem ser
lidas como parênteses ou pausas musicais,
caímos numa espécie de bidet de desenho
arquitetônico, não soubésemos que tal bidet é
na realidade letra. Procuramos localizar a
letra "bidet" no código dos alfabetos que
conhecemos, será cirílica, será amhara, será
tamil?, e admitimos que se possa tratar de
código ignorado, marciano, código da CIA?. É
como se estivéssemos procurando localizar o
touro e o camelo no alfabeto latino. Mas
cuidado: o bidet de Niobe não é o equivalente
do camelo fenício, é o seu oposto. Não apenas

O de

ocaso da

Vilér



Niobe Xandó — Campos novos de Paranapanã

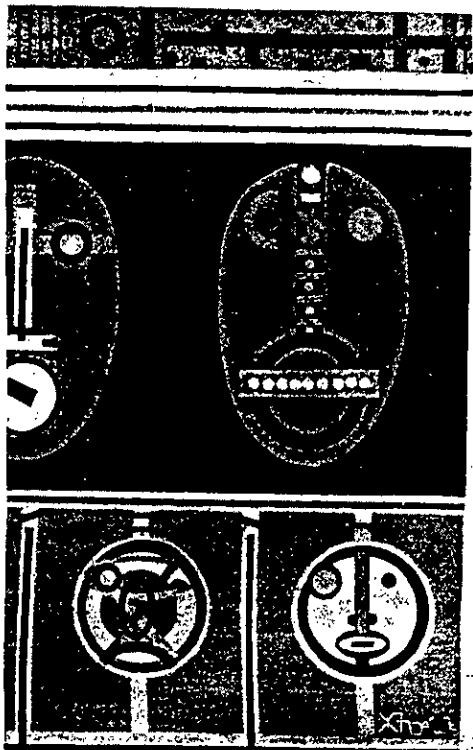
porque o bidet ocorre em deserto diferente do
deserto camélico, mas sobretudo porque o bi-
det não visa ser letra como o faz o camelo,
mas visa fingir ser letra. O camelo, coitado, se
propõe para ser convenionada, bona fide. O
bidet pelo contrário, propõe o desmascara-
mento de tudo que é convencional e conven-
cionado, ao parodiar o alfabeto. Se definirmos
"símbolo" por: "fenômeno convenionado a
significar outro fenômeno", o bidet funciona
no texto enquanto paródia de símbolo, isto é:
enquanto nonsense. A faixa amarela que esta-
mos lendo acentua a sensação do nonsense, na
medida na qual progredimos em direção da
direita em nossa leitura, e isto não por nos
mergulhar em algum clima "absurdo", como
acontece em quadros por exemplo dadaístas,
mas simplesmente por acentuar a paródia do
alfabeto. O nonsense pós-alfabético não é a
"descoberta da falta de significado em tudo",
ou qualquer sabedoria profunda comparável,
mas é simplesmente a descoberta dos métodos
graças aos quais significados são conveniona-
dos. Desmascarado o método alfabetizador,
como o é no quadro que estamos lendo, tudo é
nonsense, porque todo significado é revelado
produto de brincadeira convenionadora.

A faixa amarela superior é sustentada por
camadas vermelha, amarela e vermelha, as
quais atravessam um fundo branco como
raios vindos da esquerda, já que, bem entendi-
do, estamos lendo o quadro alfabeticamente.
Tais camadas podem ser interpretadas sintati-
camente enquanto interpunção entre a faixa
amarela que acaba de ser decifrada enquanto
texto progressivamente nonsensico, e o núcleo
da tela que é superfície vermelha que carrega
três rostos verdes. Há por certo também
dimensão semântica nos três rostos men-
cionados, "significam algo" mas os três rostos em
campo vermelho não permitem que concentre-
mos nossa atenção sobre os raios. Os três
chamam a nossa atenção imperiosamente so-
bre si com suas bocas gritantes, que descobri-
mos não serem bocas mas "Os", sob leitura,
de modo que abandonamos a leitura linear
para procurar contemplar a tela superficial-

173-36

clínio o alfabeto

n Flusser



mente como se fosse quadro. Permitimos, levemente, aos nossos olhos de tatearem a superfície em curvas sugeridas pelas superfícies coloridas, em vez de continuarmos seguindo as linhas alfabéticas do texto. Leviana liberdade essa. Porque os rostos verdes portadores de olhos, narizes, bocas e dentes amarelos, vermelhos e brancos não são rostos: são textos alfabéticos distorcedores da linha. Vistos como superfícies parecem, por certo, representar máscaras de palhaços, mas na "realidade" não são máscaras de palhaços, mas máscaras de textos. O primeiro rosto mascara o texto, "Oixo" o segundo o texto "Ditoo" e o terceiro o texto "Coito...", a linha formada pelos três rostos mascara um texto que deverá ser proibido para menores de 18 anos. Pois tal leitura exige maturidade, não tanto por ter significado pornográfico —, o que vem a ser "pornografia" em contexto caracterizado pela divisão de riquezas que conhecemos? — mas sobretudo por transformar todo significado linear alfabético em palhaçada. Os três rostos verdes em campo vermelho, por não serem rostos mas textos deliberadamente desordenados, não representam máscaras de palhaços ao nível figurativo, mas representam máscaras de palhaço ao nível de letra. Não "contam uma história de palhaços" mas contam que toda "história", isto é: mensagem linear alfabética, é palhaçada. Por isto devem ser censurados: não por serem pornográficos, corruptos e corrompedores, mas por serem revolucionários, subvertidos e subvertedores. Lidos assim, os rostos são máscaras do fim da história, aspectos da dança macabra da pós-história, do ritual da morte do alfabeto.

Mas a história não acaba tão facilmente em carnaval de letras. E o campo vermelho portador dos três palhaços pós-alfabéticos não é portanto o fim da tela. Pelo contrário: a tela repousa firmemente sobre quatro pilares que sustentam a dança apocalíptica das letras, a qual por sua vez sustenta o texto nonsensível que começa tão docilmente por "caule".

Quais são os quatro pilares que sustentam o edifício majestoso da história do Ocidente,

Mas que questão ingênua: sinais de trânsito, obviamente. Eis, obviamente, a derradeira mensagem da história majestosa iniciada com o "Aleph": o sinal vermelho. O Alpha e o Omega são "revelados" pela tela que estamos lendo, enquanto "no início era a letra" e "no fim é a letra riscada", ou, traduzindo semanticamente: "avance" e "estacionamento proibido". Esta não é interpretação elegante da história, como o é a marxista ou a teilhardiana, mas tem a vantagem de ser observável concretamente na evolução das letras.

Os quatro sinais de trânsito que sustentam a tela são superações dialéticas dos três rostos verdes, os quais são, por sua vez, superações dialéticas da linha de texto amarelo. Belos exemplos da "fenomenologia do espírito" hegeliano, portanto. Em outros termos: os quatro sinais de trânsito são rostos elevados para novo nível, e tais rostos são textos alfabéticos elevados para novo nível. Os rostos verdes são saltos qualitativos a partir do texto amarelo, e os sinais de trânsito saltos qualitativos a partir dos rostos. A tela se revela, pois, ilustração didática da dialética inerente ao alfabeto. E por isto mesmo são os quatro sinais de trânsito futurologia tornada forma: representam o trânsito do futuro. Como todo sinal de trânsito são eles imperativos, mas é difícil ler qual a proibição que berram. Fazem parte de um código que ainda não é o nosso. Os sinais atuais berram em linguagem decifrável: "pare!", "não pare!", "à direita!", "à esquerda!", "suba!", "desça!". Em suma: "funcione, seu cretino!". Eis a mensagem atual da história; eis o nosso programa. Mas os sinais que sustentam o quadro que Niobe Xandó pinta da história berram linguagem nova e ainda não decifrável. Mas como são sinais que saltaram dialeticamente dos nossos, podemos intuir o que berram. Podemos ver, ao observá-los, com que olhar os sinais nos olham com que bocas ameaçam de nos engolir, e com que idiossincrasia se

aprontam a regular as letras das quais os quatro sinais estão compostos, os seus "Os" e "Ts", seus "Xs" e "Qs", os quais são tanto mais ameaçadores quanto mais conservam, nas caras-sinais, seu significado alfabético primitivo. De modo que, embora não possamos decifrar o futuro, o qual, de acordo com a visão apocalíptica de Niobe Xandó, nos está reservado, podemos intuir que não será mais gentil que o presente que nos cerca em forma de imperativos alfabéticos decadentes.

Pois tal futuro indecifrável, embora fundamentado em letras do alfabeto, tal conjunto de sinais de trânsito planos que ordenará as nossas carreiras e correrias, o termo "vida" será arcaísmo em tal contexto futuro, será, e a tela que acabamos de ler o mostra, um conjunto de letras belas. Letras que voltarão a ser o que eram antes da codificação linear historicizante: figuras. Observem os três "Os" no sinal de trânsito da direita, e como cada qual acentua a sua individualidade enquanto figura. Ou observem o "P" o "U" e "N" no sinal de trânsito da esquerda, e como toda letra gira no plano segundo a seu caráter de figura. A beleza futura das letras, da qual Niobe Xandó é uma entre os descobridores, será consequência da sua libertação da escravidão da linha, isto é: do convênio que as torna significantes. E isto me parece ser a derradeira mensagem do quadro que o leitor e eu acabamos de ler: "o futuro será belo, porque a palhaçada do alfabeto, isto é, do pensamento histórico, científico, filosófico, crítico, estará desmascarada, e todo mundo se comportará como manda o figurino".

Mas para os que não acham inteiramente otimista uma tal mensagem, ofereço o seguinte consolo: Leram minha leitura da tela? Pois certamente há outras possíveis, já que os leitores deste artigo que o compararam com a ilustração acompanhante dificilmente concordarão com minha leitura. A despeito do Evangelho segundo o Quadro Lido, Evangelho não mais linear, mas bidimensional, como convém à época dos Super-homens e outras histórias em quadrinhos, o futuro continua "aberto", não por ser indecifrável, mas pela razão oposta: por ser decifrável sob várias